

Felipe Ribeiro

Ekarinny Medeiros

# Faça pelo Outro



©2020. Direitos Morais reservados a autores: Felipe de Azevedo Silva Ribeiro, Ekarinny Myrela Brito de Medeiros, Álvaro Antônio de Souza Neto.

**Autores**

Felipe de Azevedo Silva Ribeiro, Ekarinny Myrela Brito de Medeiros

**Ilustrações**

Álvaro Antônio de Souza Neto

**Revisão do Texto**

Renata Albuquerque de Carvalho

Dados Internacionais da Catalogação na Publicação (CIP)

R484f      Ribeiro, Felipe de Azevedo Silva.  
            Faça pelo outro / Felipe de Azevedo Silva Ribeiro,  
            Ekarinny Myrela Brito de Medeiros. – Mossoró: Edição do  
            Autor, 2020.  
            45 p. : il.

Obra ilustrada por: Álvaro Antônio de Souza Neto.  
ISBN:978-65-00-03929-0  
E-ISBN: 978-65-00-03921-4

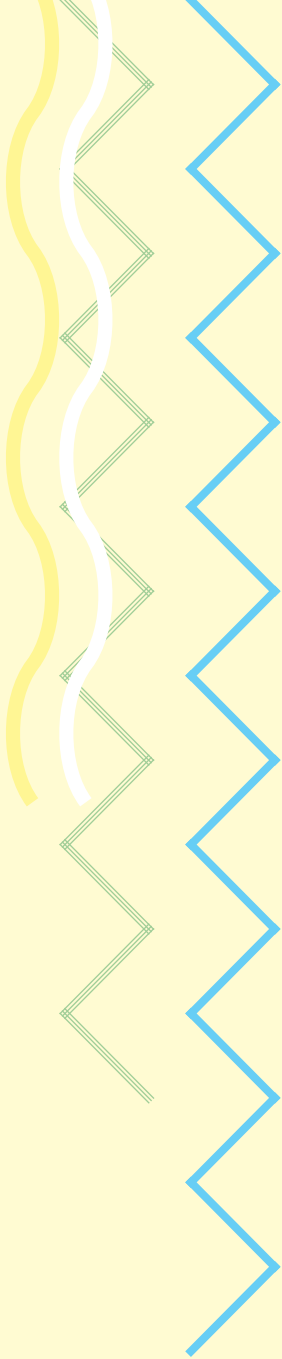
1. Jogos. 2. Educação. 3. Ciência. I. Medeiros, Ekarinny  
Myrela Brito de. II. Título.

CDD: 371.397

Bibliotecário-Documentalista  
Sale Mário Gaudêncio (CRB-15/476)

# Faça pelo Outro

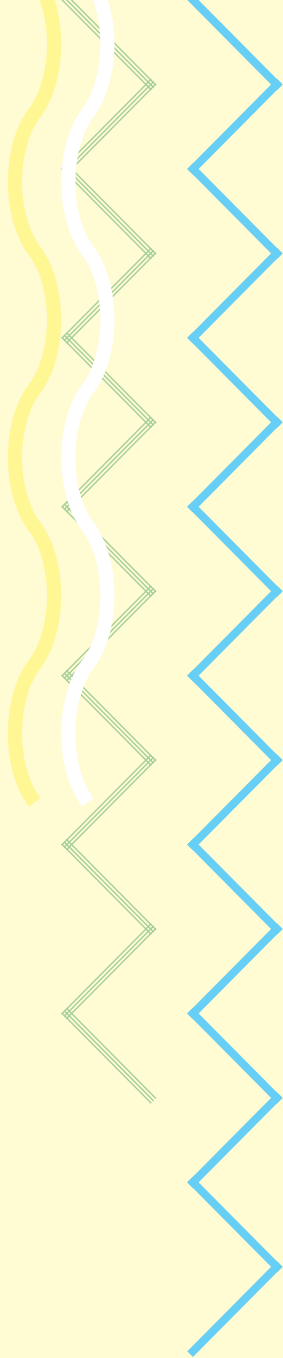
por Felipe R. e Ekarinny M.



# Índice

<b>Prólogo .....</b>	<b>6</b>
<b>Felipe .....</b>	<b>10</b>
<b>O Jogo .....</b>	<b>16</b>
<b>Fim de Jogo .....</b>	<b>24</b>
<b>Ekarinny .....</b>	<b>27</b>
<b>Força .....</b>	<b>33</b>
<b>Ascensão .....</b>	<b>37</b>
<b>Conquista .....</b>	<b>40</b>
<b>Faça pelo Outro.....</b>	<b>43</b>

Capítulo 1  
**Prólogo**



Ekarinny chegou um dia e me disse que estavam fazendo seleção para um quadro de um programa de televisão e que deveríamos nos inscrever. Era um jogo de perguntas e respostas, e o dinheiro arrecadado deveria ser usado para apoiar causas sociais.

Fiquei animado, pois seria uma oportunidade dela conseguir recurso para seu projeto de pesquisa e uma boa divulgação para o Ciência para Todos. Como eu não conhecia o quadro, assisti alguns episódios disponíveis na internet e juntos preenchemos os formulários, preparamos e enviamos nosso vídeo de inscrição. Tudo isso sem que ninguém mais soubesse!

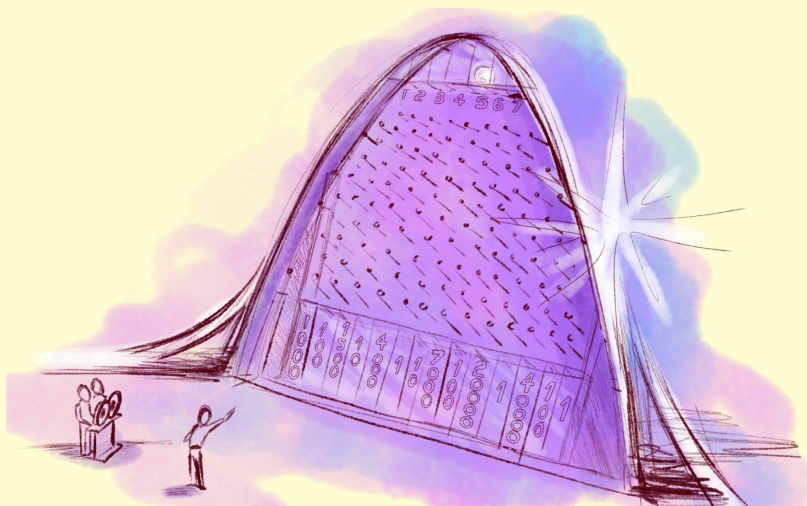
Uma pergunta que tivemos que responder durante a inscrição foi quanto gostaríamos de ganhar e o que faríamos com o eventual dinheiro ganho. Nossa resposta foi: 150 mil reais seriam excelentes! Assim, seriam 50 mil para Ekarinny desenvolver seu protótipo do catéter bioativo e 100 mil para criarmos um fundo de apoio aos jovens cientistas do semiárido.

Não tivemos muito tempo de ficar ansiosos pela resposta, pois as semanas seguintes foram de intenso trabalho organizando a feira de ciências estadual que, por mais um ano em Mossoró, reuniu mais de 200 trabalhos de estudantes potiguares.

Eis que algumas semanas após a inscrição recebemos a notícia da aprovação! Quem poderia imaginar que dentre sabe-se lá quantas inscrições, nós seríamos os selecionados.

Mas agora era hora de nos prepararmos para participar do programa. Assistimos com atenção quase todos os episódios, anotamos informações que considerássemos relevantes e estudamos as regras do jogo:

São três rodadas. Na primeira rodada são feitas cinco perguntas com apenas duas alternativas, as perguntas são em geral de nível fácil e caem três bolas das posições 1, 4 e 7 de um painel. Enquanto as bolas caem, a dupla de participantes deve escolher a resposta, se acertarem as bolas ficam verdes e onde elas caírem soma-se o valor, se errarem, as bolas caem vermelhas e subtrai-se o valor.



São 14 casas possíveis de caírem as bolas, sempre intercalando valores pequenos com valores maiores. Na primeira rodada, os valores variam entre 1 e 6 mil reais. Na segunda, entre 1 e 40 mil. Na terceira, entre 1 e 150 mil. A partir da segunda rodada, a dupla se divide, um fica no palco, onde terá a incumbência de escolher as casas de que saem as bolas e o outro vai para o confinamento, onde, sem saber o que ocorre no palco, deve responder às perguntas das próximas duas rodadas.

Na segunda e terceira rodada, o participante do palco escolhe as posições para três bolas verdes caírem. Ao final dessas rodadas, três bolas caem da mesma posição, só que dessa vez vermelhas.

Entre essas jogadas são feitas três perguntas, de nível intermediário e difícil, respectivamente, em cada rodada. Caso o participante confinado acerte as perguntas, as bolas caem verdes, caso erre caem vermelhas. Além disso, o participante do palco pode escolher a quantidade de bolas que deve cair e suas posições.

A partir das regras, pudemos perceber que há uma mistura de estratégia e probabilidade para se jogar. Por exemplo, ao colocar mais bolas ou ao escolher casas mais à direita (próximas ao 7) arrisca-se em valores maiores, que podem ser positivos ou negativos. Além disso, percebemos que as perguntas, mesmo sendo de conhecimentos gerais, não possibilitam que um prévio conhecimento do perfil de quem vai responder pelo outro participante permitam certa precisão em prever se há maior ou menor chance de acertar a resposta.



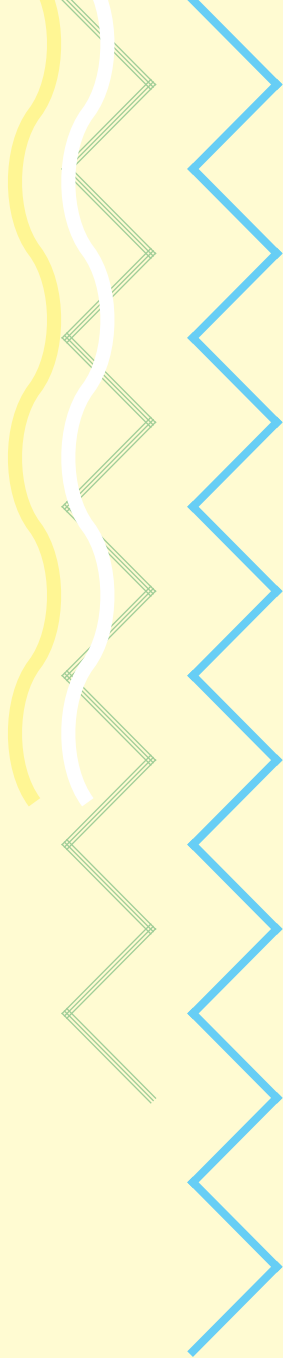
Por isso, definimos uma estratégia menos arriscada, pois também vimos que a maioria dos participantes acertou pelo menos metade das perguntas. E como nosso objetivo não era ganhar tanto dinheiro, não precisaríamos arriscar muito.

Após sermos aprovados precisávamos definir quem seria nosso acompanhante. Concordamos que deveria ser a professora Luísa Kiara, que foi orientadora de Ekarinny durante o Ensino Médio.

Kiara, como costumamos chamar, participou do Ciência para Todos desde os primeiros anos, aplicando a Metodologia Científica ao Alcance de Todos com seus estudantes, e sempre foi uma grande incentivadora para que eles desenvolvessem trabalhos científicos e participassem de feiras de ciências.

E assim aguardamos o dia da participação no programa ansiosamente.

Capítulo 2  
**Felipe**

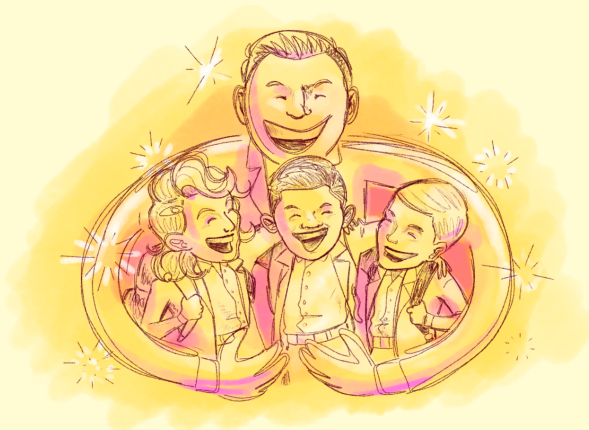


No dia da gravação, um carro foi nos buscar logo cedo, às 8h da manhã. A produtora do programa veio junto ao motorista nos receber. Tivemos uma primeira conversa, na qual ela nos disse que o mais importante daquele dia era se divertir.

Darlan veio imediatamente a minha cabeça com essa fala.

Darlan é professor de biologia do Estado e também biólogo da UFERSA, trabalha conosco praticamente desde o início do Ciência para Todos. Ele tem a vantagem de poder ver os dois lados, de quem coordena e executa as ações do Ciência para Todos, mas também de quem é professor em escola pública. À primeira vista pode não aparentar, mas Darlan é de uma sensibilidade muito grande. Por algumas vezes, ele já acompanhou nossa delegação de trabalhos finalistas a Feira Brasileira de Ciências e Engenharia (Febrace) em São Paulo. Chegar nessa feira é algo fenomenal, em especial para nossos jovens de escolas públicas do semiárido. Mas ao mesmo tempo, muitos desses jovens sentem uma enorme pressão pela responsabilidade de representar sua escola, sua cidade e seu Estado numa das maiores feiras de ciência do Brasil, e por uma certa cobrança de trazer prêmios para casa. Darlan, com toda sua sensibilidade costuma dizer para esses jovens que o mais importante é se divertir, aproveitar muito bem essa oportunidade única que eles estão tendo, de conhecer novas pessoas e lugares, e de aprender muito com a experiência; diz ainda que a responsabilidade não é de trazer prêmios, mas trazer aprendizados e inspiração para quem ficou!

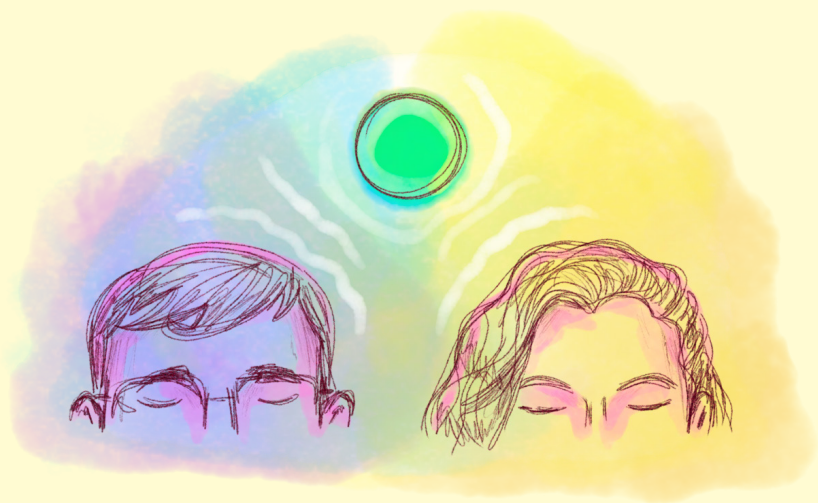
Não se preocupe se vamos ganhar ou quanto vamos ganhar.



Ao chegarmos ao estúdio, fomos recebidos calorosamente pela equipe de produção, que nos conduziu ao camarim. Era uma sala com cerca de 15 metros quadrados, um sofá, algumas cadeiras e uma mesa com água, café e frutas. Havia uma janela aberta, que dava para um pátio, com algumas árvores. Era um dia ameno, havia chovido no dia anterior e o chão ainda estava um pouco úmido, mas não parecia que iria chover naquela manhã, apesar do céu estar cinza, como é comum naquela metrópole sempre.

Nos acomodamos e conversamos entre nós por um breve período, e logo chegaram mais algumas pessoas da produção que se apresentaram e começaram a conversar conosco.

Logo no início da conversa, uma das meninas da produção nos alerta: “Olha, eu não sei o que é, mas tem muito da energia de vocês naquelas bolas, elas só caem em valores altos se vocês vibrarem, se puserem boas energias nelas!”



As boas energias me remeteram imediatamente a Celicina.

Assim que me mudei pra Mossoró, um colega que estava me apresentando as instalações da Universidade me disse: “Vamos, vou te levar pra conhecer uma professora, ela quem criou o curso que você vai dar aula.” Chegamos a uma sala num bloco administrativo, pois naquele momento ela ocupava uma posição na gestão da universidade e fui muito bem recebido.

Nos primeiros dias, inclusive, eu trabalhei em seu gabinete no departamento, onde ela “abrigava” gentilmente os recém chegados.

Celicina me presenteou com um exemplar de seu livro, Metodologia Científica ao Alcance de Todos, primeira edição. Li o livro todo em no máximo 40 minutos, e achei muito interessante a linguagem fácil e didática usada por ela para introduzir a metodologia científica para o leigo. Não sabia naqueles primeiros dias, mas ali iniciou uma amizade profunda e uma relação de cumplicidade e admiração.

Celicina é uma pessoa verdadeiramente mística. Infelizmente o sentido profundo desta palavra não é tão difundido, incorrendo-se no risco de uma interpretação equivocada, a verdadeira mística é colocar o seu coração naquilo que for fazer, e ser útil aos demais. Celicina sempre demonstrou essa vontade incansável de fazer pelo outro, ela é a razão primeira de estarmos ali naquele estúdio, participando daquele programa.

Logo após nos acomodarmos e conhecermos o pessoal da equipe, nos solicitaram para iniciar a preparação do figurino e maquiagem. Mostramos as opções de roupas que trouxemos, conforme nos fora instruído, para que eles avaliassem se seria possível usá-las. No meu caso, levei uma calça social cinza escuro, sapatos marrom e três opções de camisa, branca, preta e cinza. A produtora optou pela cinza e levou para a figurinista preparar. No caso de Ekarinny, a opção seria uma calça preta, com sapatilhas e uma camisa branca. A camisa fora trocada por outra do figurino da produção.

Também já fizemos a nossa primeira maquiagem do dia. Enquanto passava a base no rosto e laquê no meu cabelo, o maquiador me dava inúmeras dicas, parecia um técnico de futebol orientando seus jogadores. Disse que outros participantes ficaram nervosos e acabaram errando perguntas fáceis. Inicialmente, ouvi atentamente o que ele falava, pois estava ali já há vários dias acompanhando as gravações, mas em determinado momento minha mente resgatou uma das ocasiões mais especiais que tivemos nesses anos de Ciência para Todos: a primeira vez que apresentei a Cerimônia de Premiação da Feira de Ciências como Prof. Felipi (Não é Felipe, é Felipi, pi como a letra grega,  $\pi$ ).

Criamos esse personagem em 2016, ano da matemática, para nossa história em quadrinhos daquele ano. Prof. Felipi apresenta o mundo fantástico da ciência e matemática à estudante Bárbara (também inspirada em personagem real). Prof. Felipi usa um jaleco branco, calça azul e gravata amarela, mas sua marca registrada é o cabelo com 3,14 pontas ( $\pi = 3,14$ )!

Cristiane, uma das coordenadoras do projeto, nos deu a ideia de usar o personagem para fazer divulgação científica. Lembro a primeira vez que vi Cristiane, estávamos nos primeiros anos do Ciência para Todos e ela foi chamada para uma reunião. Cristiane é decidida, inteligente, planeja e executa com excelente competência o que se propõe. Para mim ela é um claro exemplo virtuoso da diligência.

Atendendo a um pedido de uma colega, que estava organizando uma ação social em uma escola, Cristiane me convidou para ir de Prof. Felipi, para que pudéssemos fazer atividades de divulgação científica com as crianças. Organizamos o personagem e todas as atividades (juntamente com a assistente Bárbara) e fomos passar a tarde na escola junto das crianças. Foi uma tarde maravilhosa, apesar do calor, nos divertimos muito e o mais importante, as crianças se divertiram e aprenderam também. Pude ver no olhar de Cristiane o amor em fazer aquilo, afinal, em sua origem, diligente é nada mais nada menos do que aquele que ama o que faz.



Terminada a maquiagem, tivemos nossa primeira reunião com os diretores do programa. Foi uma conversa muito importante, eles repassaram cuidadosamente as regras do jogo conosco, deram novas dicas e instruções sobre como se portar em cada momento do programa.

14 Faça pelo Outro

Pudemos também conhecer um pouco outros participantes e as iniciativas bacanas que desenvolviam. Voltamos para o camarim e conversamos um pouco mais, a equipe de produção sempre solícita e atenciosa conosco.

Um pouco mais tarde, chegou o almoço. A comida estava muito boa, mas preferi comer pouco para ficar concentrado e não passar mal. Após o almoço, tomei um café e recostei na cadeira para fazer uma breve meditação. Não durou muito, pois logo nos chamaram novamente para fazer os últimos retoques na maquiagem e colocar nossos microfones.

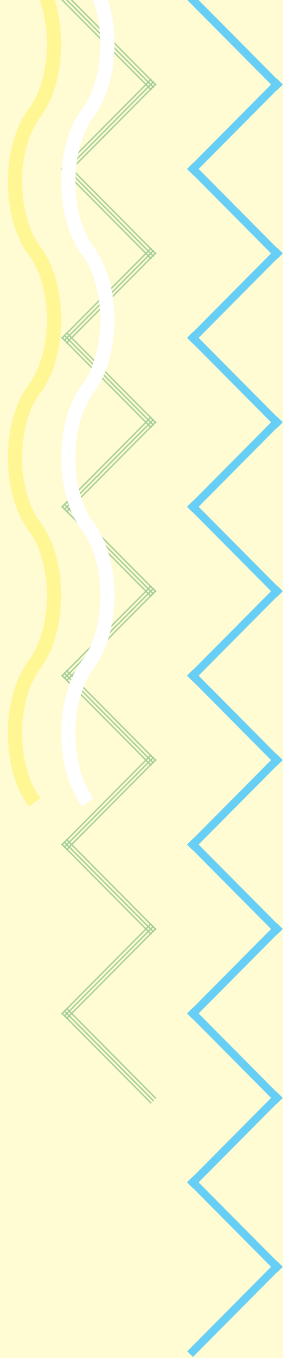
Na sequência seguimos para o estúdio de gravação. Era chegada a hora, em poucos minutos o apresentador nos chamaria ao palco e estaríamos concorrendo a um prêmio que poderia impactar muitas vidas do semiárido brasileiro.

Eu e Ekarinny nos posicionamos atrás do palco, com mais duas meninas da produção. Tomamos um pouco de água, olhei pra ela e disse, não pela primeira vez, mas a última antes de entrarmos no palco: - Ekarinny, você sabe que não estamos aqui pelo dinheiro, qualquer prêmio em dinheiro será apenas uma consequência.

O apresentador entrou no palco, cumprimentou a plateia e disse: “Vamos conhecer agora os nossos participantes de hoje: podem entrar Ekarinny e Felipe.”



Capítulo 3  
**O Jogo**





Quando me dei conta estávamos no palco, em frente a uma enorme parede de led toda iluminada passando um vídeo sobre o projeto do cateter antimicrobiano de Ekarinny e sobre o Ciência para Todos.

O apresentador passou rapidamente às regras, deu um abraço em Ekarinny e começamos a jogar.

Como já mencionei, as perguntas desta rodada são mais fáceis. A primeira pergunta foi:

Côncavo e Convexo são? As alternativas eram Antônimos e Sinônimos

E assim foram todas as cinco perguntas da primeira rodada, acertamos todas, o que fazia as bolas caírem verdes.

Mas parece que nesse momento nossa sorte não estava boa, pois frequentemente as bolas caíram em valores baixos. Ao final da rodada tínhamos somado pouco mais de 13 mil reais.

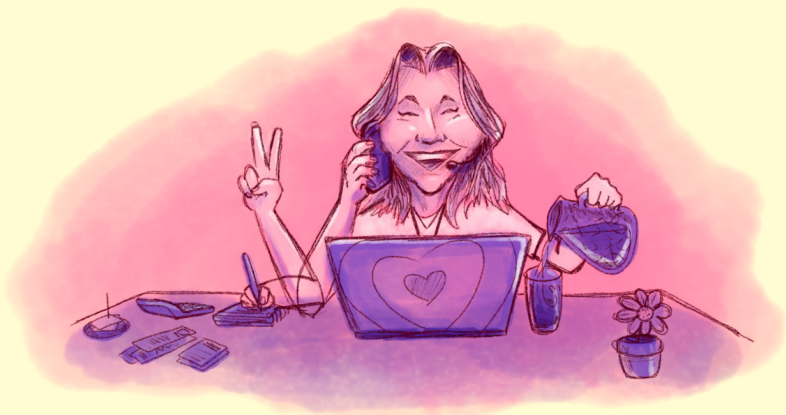
Mais uma vez o apresentador nos lembrou. Olha esse valor que vocês conseguiram é a poupança de vocês, lembrem disso.

A primeira poupança que tive, foi meu avô quem fez para mim, quando eu era criança. Mas confesso que nunca fui muito bom em poupar ou fazer planejamento financeiro. No Ciência para Todos, normalmente sou eu quem escrevo os projetos que submetemos às agências para conseguir o dinheiro. Mas esse recurso tão suado passa direto “para as mãos” de Natália. Natália, assim como Cristiane, é bióloga da Universidade, e é uma exímia administradora de recursos. Por mais de uma vez, quando pensava que já tínhamos gastado todo o dinheiro de um projeto, Natália surgia como uma salvadora (poupadora), justamente com o pouquinho de recurso que precisávamos para fazer aquela última atividade!

Vi Natália pela primeira vez nas primeiras semanas que estava trabalhando na Universidade, nos cruzamos por acaso no setor de Recursos Humanos, mas vim conhecê-la quando fui trabalhar no setor de aquicultura. Tive a alegria de tê-la como bióloga dessa unidade. Interessante que nos primeiros anos do Ciência para Todos, nos quais eu me dividia entre pesquisas no setor de aquicultura e as primeiras atividades nas feiras de ciência, Natália não se envolveu muito no projeto, talvez até por culpa minha.

Mas logo mergulhou por inteira e sinceramente não consigo ver o programa sem Natália administrando as atividades e os recursos do Ciência para Todos. E ela ainda se dedica a outras inúmeras atividades. É como dizem, a pessoa ocupada sempre arruma o tempo para fazer mais uma coisa, o desocupado nunca tem tempo pra nada (Dica: quer saber o segredo? Pergunte ao filósofo Sêneca ;-)).

E Natália consegue tudo isso por sua devoção. Devoção é quando você se dedica a algo maior, se oferece verdadeiramente por inteiro a algo e Natália, em tudo o que faz, coloca a devoção e por isso consegue fazer tão bem tantas coisas.



Após aquela rodada do jogo, eu e Ekarinny nos separaríamos. Um dos integrantes da dupla ficaria no palco e o outro iria para o confinamento. Esse último seria eu.

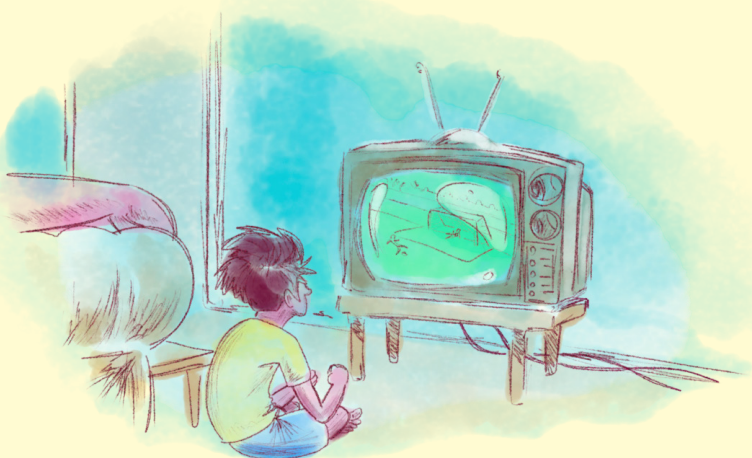
Me despedi da plateia e segui ao confinamento. Uma sala pequena, com um fundo branco e apenas uma mesa e cadeira para que eu me sentasse. Além disso, a sala era isolada para que eu não pudesse ver e principalmente ouvir o que estava ocorrendo no palco. Agora era aguardar a primeira pergunta.

Enquanto aguardava, tentei relaxar e me concentrar. Foram longos minutos de espera até chegar a primeira pergunta. Eu não tinha ideia do que estava acontecendo no palco, e fiz como me instruíram. Ler em voz alta a pergunta e as alternativas, depois escolher uma delas e apertar o botão.

E veio: “Em qual desses países foi a copa do mundo de futebol de 1994?”

Eram três alternativas. Eu li todas em voz alta e disse: “Bom, Ekarinny não era nem nascida neste ano, mas felizmente eu era e lembro muito bem.” Afinal, como me esquecer da primeira vez que vi o Brasil ser campeão mundial de futebol, na final mais emocionante que já vi, decidida nos pênaltis com a Itália no Estádio Rose Bowl, em Pasadena nos Estados Unidos da América. Cliquei na alternativa e confirmei.

Agora era aguardar novamente.



Havia uma placa de acrílico que sinalizava o local que deveria ficar olhando, por conta da posição da câmera.

Percebi que nessa placa havia um pequeno ponto branco e fixei meu olhar ali, enquanto aguardava, para fazer uma prática de meditação que costumamos fazer nas aulas de filosofia prática, chamada Tratak ou Trataka. A prática consiste justamente em fixar o olhar num ponto, controlar a respiração e tentar se concentrar apenas naquele ponto.



Pouco tempo depois veio a segunda pergunta daquela rodada.

Algo mais ou menos assim:

Chanceler é como também é conhecido o:

As alternativas listavam uma série de Ministros, e pra mim que trabalho com administração pública não foi difícil selecionar a alternativa que continha o Ministro de Relações Exteriores, e confirmar em seguida.

Mais um pouco de concentração, apenas eu ali naquela sala e veio a derradeira pergunta da segunda rodada, desta vez sobre arte:

Qual parte do corpo o pintor Vincent Van Gogh cortou?

Confesso que não me recordo agora quais eram as alternativas, mas selecionei orelha e confirmei.

Pronto! A segunda rodada estava encerrada. Dali algum tempo se iniciaria a terceira e última rodada, com perguntas mais difíceis e não mais com apenas três, mas com quatro alternativas, o que aumentava as chances de errar.

20 Faça pelo Outro

Eu não tinha a mínima ideia do que acontecia com Ekarinny no palco naquele momento. Dessa vez a espera foi mais longa, o que me permitiu me concentrar melhor no tratok.

Assim que começou a terceira rodada, veio a seguinte pergunta:  
Qual dessas palavras não é de origem tupi?

As alternativas eram: Mingau; Jaú; Peteca; e Árvore.

Li calmamente e mais de uma vez as palavras, poderia haver afinal alguma pegadinha. Pedi ajuda a plateia: me mandem boas energias! De todas as palavras, as três primeiras eram as únicas que só havia escutado em português, Jaú por exemplo é um nome de um peixe. Por outro lado, árvore em espanhol é “arbol”, muito parecido com o português, o que demonstra a mesma origem, portanto cliquei nessa alternativa e confirmei.

Até ali não podia ter certeza, pois não via o resultado, mas acreditava que tinha ido bem nas quatro primeiras perguntas, meu palpite era de que tinha acertado todas, mas...

Veio a penúltima pergunta do programa. Lembre-se de que nessa rodada os valores em jogo são muito altos. Uma das casas, por exemplo, tem o valor de 150 mil reais, para o bem ou para o mal!

E a pergunta era: “Como é conhecido o autor da personagem Malfalda?”

Sinceramente não sabia a resposta. Li calmamente as alternativas: Millor; Quino; Fortuna; e Ziraldo.



Mafalda é uma personagem de quadrinhos muito famosa, lembro de vê-la ainda na época de jornal impresso, mas não me recordara o nome de seu autor..... apenas que não era brasileiro. Mafalda era argentina, disse eu sabia.

Essa informação me possibilitou eliminar duas alternativas, Millor e Ziraldo. Me sobrara Quino e Fortuna. Dessa vez pedi ajuda a plateia e a Ekarinny: - mandem suas energias aí que não sei a resposta!

Fortuna não me pareceu um nome de autor argentino.... fui de letra B Quino, cliquei e confirmei.

As coisas estavam bastante difíceis. Em especial quando veio a última pergunta do jogo. Nesse momento, Ekarinny já havia escolhido se colocaria uma ou três bolas e em qual posição, ou seja, estariam em jogo até 450 mil reais.

Li em voz alta a pergunta: “As Ilhas Faroé pertencem a qual desses países?”

Noruega, Dinamarca, Suécia ou Alemanha.

Noruega, Dinamarca, Suécia ou Alemanha, todos países europeus. Voltei ao enunciado, Ilhas Faroé..... Não me recordava de ter ouvido falar dessas ilhas..... Ilhas Faroé? Havia as ilhas virgens, ilhas malvinas, mas Ilhas Faroé.....

Olhei pro palco e disse: pessoal eu não sei a resposta dessa pergunta, vou precisar da ajuda de vocês, da plateia, de Ekarinny, Kiara, do

apresentador e de Mossoró inteira pra poder responder, me ajudem ai!

Tive um palpite de que não seria Alemanha, nunca ouvi falar de nenhuma ilha alemã, as colônias alemãs eram na África e após a segunda guerra acho que não sobrou nenhuma. Me sobravam três países nórdicos, um deles inclusive tinha uma ilha, a maior do mundo, chamada Groenlândia, será que eram do mesmo dono?



Optei pela letra B Dinamarca e confirmei.

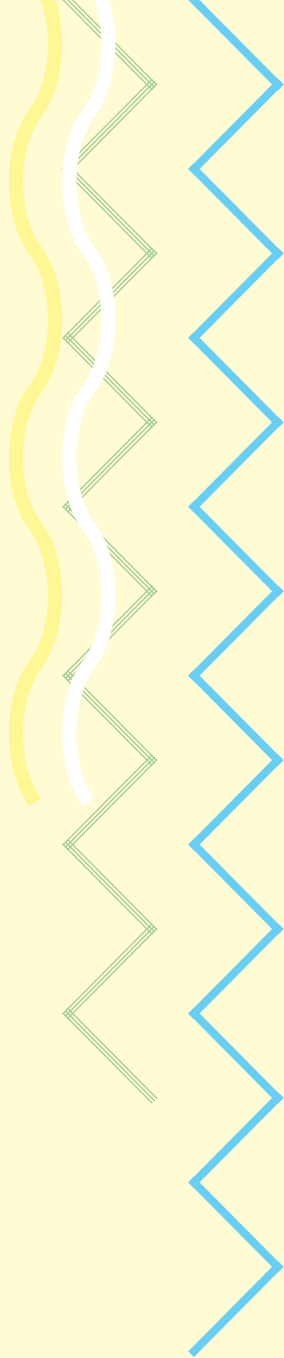
Em seguida, chegou até mim um tubo metálico com uma tampa. Peguei o tubo, tirei a tampa e retirei o papel que havia dentro dele. Era o contrato.

Havia chegado a hora, o momento de decisão. Se optasse por assinar o contrato, ficaríamos com a poupança que conseguimos na primeira rodada e mais 3 mil reais para cada resposta certa. Eu acreditava ter acertado pelo menos quatro perguntas, o que nos daria cerca de 25 mil reais. Se optasse por rasgar o contrato, ficaríamos com o que Ekarinny havia conseguido no palco, que poderia ser mais do que a poupança ou poderia ser nada.

Tomei minha decisão e coloquei novamente o contrato no tubo, fechei e devolvi, para ele retornar ao palco, para onde eu também retornaria agora.

A equipe da produção me conduziu de volta e novamente o apresentador disse: “Pode voltar ao palco Prof. Felipe.”

Capítulo 4  
**Fim de Jogo**





Entrei, o apresentador estava próximo da porta, rapidamente vi a plateia toda quieta, vi Kiara ali apreensiva e Ekarinny mais ou menos no centro do palco de costas pra mim.

O apresentador olhou pra mim e me perguntou: - E aí, você acha que foi bem?

Respondi:

- Olha, acho que sim, acredito ter acertado quatro das seis perguntas.

Ainda olhando pra mim ele disse:

- Você acertou as seis perguntas! Até hoje ninguém havia acertado todas as perguntas desse programa - Muito bem. Mas ainda não havia acabado - Vá lá e fique de frente pra Ekarinny.



Caminhei até o centro do palco, me posicionei de frente para ela. “Agora diga para ela como foi lá dentro e qual foi sua decisão.” Disse o apresentador, posicionado próximo de nós.

Peguei as mãos de Ekarinny, olhei no rosto dela, era visível o seu nervosismo. “Difícil né?” Disse em voz alta, mais para mim mesmo do que pra ela.

“É, muito difícil.” Ela respondeu.

Desviei o olhar para Kiara, que dentre toda a plateia, estava iluminada. Ela me deu um sorriso. Voltei o foco para Ekarinny e continuei:

“Desde aquele momento que te conheci, e eu já te disse isso, em uma feira de ciências, lá em 2016, eu sabia que você tinha um brilho diferente, algo especial e isso nos trouxe até aqui hoje, nesse momento. Eu sei que havíamos combinado de rasgar o contrato, mas eu

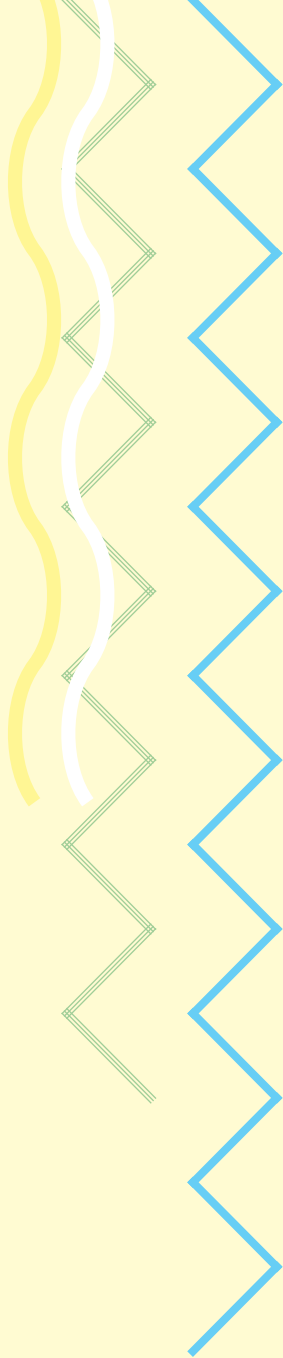
me lembrei de sua história, tanta dificuldade que você passou e de quanto esse valor faria diferença em sua vida.”

Ekarinny baixou a cabeça.

E minha memória foi para aquele momento em que a conheci, na feira de ciências da 12ª Diretoria Regional de Educação, que reúne escolas de Mossoró e de outros cinco municípios. Ela era uma entre centenas de estudantes naquela feira apresentando seu projeto científico. Seu projeto naquele ano era o Embacaju, junto com outras duas colegas. Elas fizeram uma embalagem reciclável a partir de folhas secas de cajueiro. Elas disseram que observavam muitas folhas secas do cajueiro e ao mesmo tempo a necessidade de se substituir embalagens plásticas e daí saiu a ideia do Embacaju. Vi rapidamente a apresentação, pois eram muitos projetos, mas aquele foi um dos momentos que escutei minha intuição. Ekarinny tinha um brilho no olhar que não era comum, um brilho que me dizia que ela tinha um enorme potencial de ir longe se acreditasse em seus sonhos.



Capítulo 5  
**Ekarinny**



Nasci e cresci na cidade de Mossoró, no interior do Rio Grande do Norte. Pense num lugar quente esse!

Sempre estudei em escola pública e gostava muito de dançar. A primeira viagem que fiz com a escola foi para uma apresentação de dança em Natal. Naquela época não me interessava muito por ciência e, de verdade, nem por estudar muito. Minha expectativa, se é que posso chamar assim, era ser vendedora de alguma loja no centro da cidade, quando terminasse os estudos.

Isso mudou em outubro de 2015, quando três amigos meus chegaram na escola e tudo o que eles falavam era como tinha sido incrível participar da feira de ciências do semiárido, em como eles já estavam pensando qual projeto iriam fazer para o ano seguinte. Fiquei empolgada! Não sabia nem o que era uma feira de ciências, mas já queria participar! Também, com tanta empolgação, só podia ser algo muito bom.



No ano seguinte procurei a minha professora de biologia, Luisa Kiara, junto com outras duas amigas minhas. Dissemos que queríamos participar da feira de ciências, mas não tínhamos ideia de como fazer um projeto para apresentar.

Então Kiara, para nossa alegria, aceitou ser nossa orientadora e começou a nos mostrar o que é o método científico, como fazer as perguntas, escrever o projeto etc. Ela nos mostrou que a principal característica de um bom cientista é a curiosidade. Uma pesquisa científica deve ser feita para responder a uma pergunta. Aprende-

mos com ela também que não é qualquer pergunta que pode ser científica. Kiara nos disse: “Vocês podem partir de uma pergunta qualquer, que surgiu na tempestade de ideias por exemplo. Mas devem reescrever essa pergunta para se transformar em uma pergunta científica.”

De tanto praticar, decorei os critérios para uma pergunta ser científica: Ser clara e precisa; estar delimitada a uma dimensão viável; não envolver julgamento de valor; e ter uma solução possível.

Fomos então atrás de nossa pergunta ali mesmo no nosso bairro. Visitamos uma casa de convivência para idosos, e vimos que as dezenas de cajueiros existentes no pátio soltavam, diariamente, milhares de folhas secas, que eram jogadas no lixo ou então queimadas. Estava ali um grande problema para três jovens cientistas resolverem!

Vimos também o grande problema que são as embalagens plásticas, que demoram séculos para se decompor e foi daí que surgiu a Embacaju, nosso primeiro projeto, uma embalagem biodegradável feita a partir da folha seca do cajueiro.

Nossa meta era participar da tão sonhada feira de ciências do semiárido, que meus amigos tanto falaram. Participamos da feira de ciências da escola e depois da feira regional, que são etapas classificatórias. Ficamos nervosas até sair a lista com os trabalhos selecionados e para nossa alegria o Embacaju estava na lista! Um ano todo dedicado ao projeto e finalmente iríamos a feira de ciências do semiárido. Em outubro daquele ano, apresentamos empolgadíssimas nossa embalagem na feira para vários avaliadores, professores universitários e alunos de mestrado e doutorado. Eu, minhas colegas e nossa orientadora não acreditamos quando ganhamos seis prêmios nessa feira de ciências! O mais sensacional foi ter ganho o primeiro lugar da feira e uma credencial para participar da Febrace.



A Febrace ocorre todos os anos na USP, em São Paulo! É impossível definir a alegria que sentimos ao saber que iríamos participar dessa feira. Imagina só, viajar de avião até São Paulo, ainda mais para apresentar um projeto que nós desenvolvemos na escola!

Em março do ano seguinte, lá estávamos nós, embarcando no voo pra São Paulo. Logo no aeroporto vimos uma cantora famosa, dessas da internet, que era febre do carnaval daquele ano. Corremos para pedir uma foto com ela. Depois da foto, o professor Felipe me perguntou: “Ekarinny quem é essa menina?” Respondi: “É uma cantora famosa da internet.” Para a minha surpresa, ele disse: “Ela era quem devia estar pedindo foto pra vocês e não o contrário. Vocês estão indo representar nosso Estado na Febrace, pense nisso!”



Participar da Febrace também foi uma experiência maravilhosa, centenas de pessoas visitaram nosso projeto ao longo da semana. Conhecemos gente de todo o país e ainda conhecemos um pouco da maior cidade do Brasil. Isso, por si só, teria valido demais a experiência. Mas além de tudo, ganhamos o segundo lugar do país em nossa categoria e uma credencial para outra grande feira de ciências nacional, a Mostratec, que ocorre em Novo Hamburgo, no Rio Grande do Sul.

Aquela sexta-feira de março tinha sido o dia mais incrível para mim! Sair da USP com uma medalha no peito, quem diria! Tínhamos um longo caminho de volta até Mossoró. Primeiro, enfrentar o trânsito de São Paulo até o aeroporto de Guarulhos, depois aguardar a hora do voo, e mais 3 horas e meia de voo até Fortaleza e, por fim, mais quatro horas na estrada até o destino final.

Tudo o que eu queria era mostrar minha medalha para a minha avó. Apesar de meus pais serem vivos, vivi toda minha infância com minha avó, algo que é bastante comum no interior do Nordeste, ser criado pelos avós.

Uma das ideias que nos ajudou a criar a Embacaju veio dela. Estávamos buscando uma forma de produzir a embalagem com as folhas e não encontrávamos, de jeito nenhum, como dar liga às folhas secas trituradas. Eu não tinha dinheiro para comprar a cola e nem tinha cola na minha casa. Foi então que perguntei a ela: “Vovó, como a senhora fazia antigamente quando precisava de cola?” Ela me disse: “Eu pegava a goma de mandioca, colocava na água e levava ao fogo, aos poucos ela ficava pastosa e era isso que usávamos como cola minha filha.” Eu respondi: “Está certo vovó, obrigada.”

Esperei ela ir dormir, porque ela não me deixaria usar seu fogão para fazer minhas misturas científicas. Fui à cozinha, misturei o amido de mandioca na água e levei ao fogo. Quando a mistura ficou pastosa, eu coloquei as folhas de cajueiro trituradas, misturei até ficar homogênea e depois espalhei aquele “grude” em cima da mesa para secar e fui dormir. No dia seguinte, quando acordei, aquela mistura grudada havia se tornado um plástico! Parecia mágica, eu não acreditei quando vi. Levei o material comigo para escola e mostrei para minha orientadora. Ela pediu então para eu estudar sobre o amido



da mandioca e foi então que entrei no mundo dos polímeros e descobri nossa solução para a Embacaju.



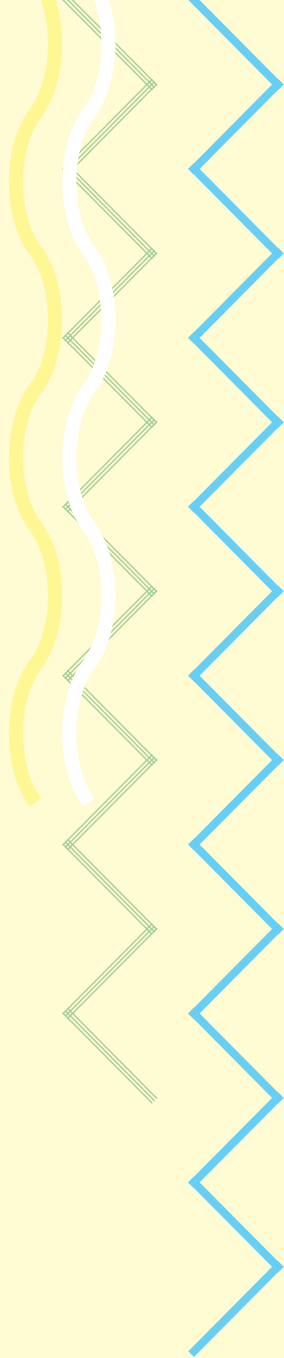
Vovó me ajudou tanto e estava tão orgulhosa quando sai de casa para São Paulo!

É um mistério como algumas coisas acontecem em nossas vidas, mas, justamente naquela sexta-feira, quando estava chegando em Mossoró, recebi a notícia mais triste da minha vida. Vovó havia falecido, teve um infarto fulminante. Toda minha alegria se transformara em uma profunda tristeza. Ali acabava o meu sonho.





Capítulo 6  
**Força**



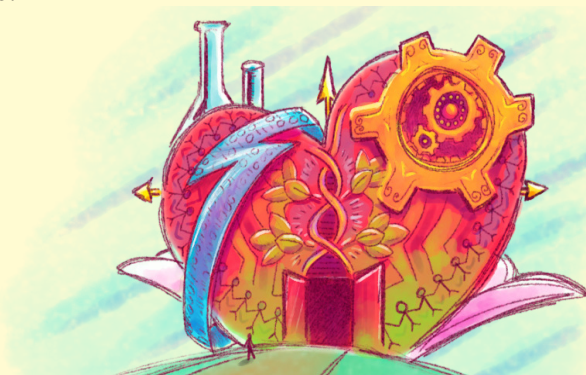
Foi difícil demais ver a partida da pessoa que eu mais admirava, que havia me criado com tanto amor. Só agora percebo quão crucial foram esses dias difíceis. Poderia ter desistido de tudo, como pensei por várias vezes, desistir dos projetos, das feiras de ciências, da vida. Mas algo me fez enxergar que ali talvez estivesse a minha razão para continuar. O apoio de minha professora, de minhas companheiras de projeto e dos meus amigos da escola foi fundamental para eu encontrar forças, levantar a cabeça e seguir em frente, desenvolvendo projetos e participando das feiras de ciências.

Naquele ano, não pude ir para Feira de Ciências do Semiárido, pois a feira aconteceria na mesma época da Mostratec. Àquela altura já estávamos trabalhando no segundo projeto, aprimoramos a ideia da Embacaju e desenvolvemos a *Cashew Bottle* (nome em inglês é mais chique!!!): uma garrafa biodegradável, feita a partir do resíduo da produção de castanha de caju. Estudamos muito sobre polímeros e experimentamos diversas formas de produzir plásticos. Então, dividimos nosso grupo, parte apresentou o novo projeto na Feira de Ciências do Semiárido e parte foi até o Rio Grande do Sul, apresentar a Embacaju na Mostratec.

A Mostratec é outra feira excepcional, reúne trabalhos de todo o país e também do exterior, foi uma experiência nova e enriquecedora conhecer o outro Estado do Rio Grande!

Voltamos para casa com novos prêmios e, ainda por cima, também ganhamos prêmios na Feira de Ciências do Semiárido.

Foram muitas mudanças e muitos aprendizados, participar das feiras e desenvolver projetos tinha sido uma grande revolução em minha vida, havia encontrado algo apaixonante e que podia me dedicar de coração.



Ganhamos novamente a credencial para a Febrace, desta vez com a garrafa biodegradável, ops! *Cashew Bottle* para os íntimos agora.

E lá vamos nós novamente, mais experientes, para a segunda Febrace. Dessa vez os sonhos aumentaram, a Febrace é de âmbito nacional, era a segunda vez que estaríamos lá, quem sabe não poderíamos almejar ir mais longe. O prêmio principal da Febrace são vagas para uma feira internacional, chamada ISEF (*International Science and Engineering Fair*). Entre sete e oito trabalhos, (de mais de 300) são selecionados para essas vagas.

Nos preparamos, dedicamos horas de trabalho e estudo para que nossa garrafa de resíduo de caju estivesse pronta e nosso projeto bom o suficiente para concorrer a uma dessas vagas.

Ganhamos pelo segundo ano seguido o 2o lugar em Ciências Biológicas. Mas infelizmente não conseguimos a vaga para ISEF.

Isso não me desanimou, na verdade me fez pensar em que poderia melhorar. Além disso, nesse meio tempo, ganhei uma oportunidade única de participar de meu primeiro evento internacional!

Fui convidada para participar do Fórum de Jovens Cientistas de Londres, em julho daquele ano. Veja só, uma jovem da periferia de Mossoró, que um dia sonhou em participar de uma feira de ciências em sua própria cidade, viajando para Londres para passar duas semanas em uma das mais renomadas universidades do mundo, o Imperial College!

Foi outra experiência sensacional, conhecer agora gente do mundo todo, ter aulas e palestras com renomados cientistas e, o mais importante, ter a oportunidade de praticar inglês no dia a dia.



Quando voltei de Londres, tive a certeza de que poderia chegar mais longe, e que isso dependeria em grande parte de meu esforço e determinação. A partir daí, eu me dediquei a estudar e realmente coloquei como meta desenvolver um trabalho científico que fosse bom o suficiente para ser credenciado para a ISEF. Estudei as regras da feira, mudei de área de conhecimento, saímos da biológicas e fomos para a saúde. Era meu último ano de ensino médio, e apesar da maioria dos meus colegas estarem se dedicando a estudar para o ENEM, eu preferi me dedicar quase que integralmente ao meu novo projeto e por isso, conversei com minhas companheiras de grupo e decidimos que eu seguiria só nessa empreitada!

Agora precisava de uma boa ideia, como aprendemos nesses anos de fazer ciência com o Ciência para Todos, o mais importante para um cientista é ter boas ideias.

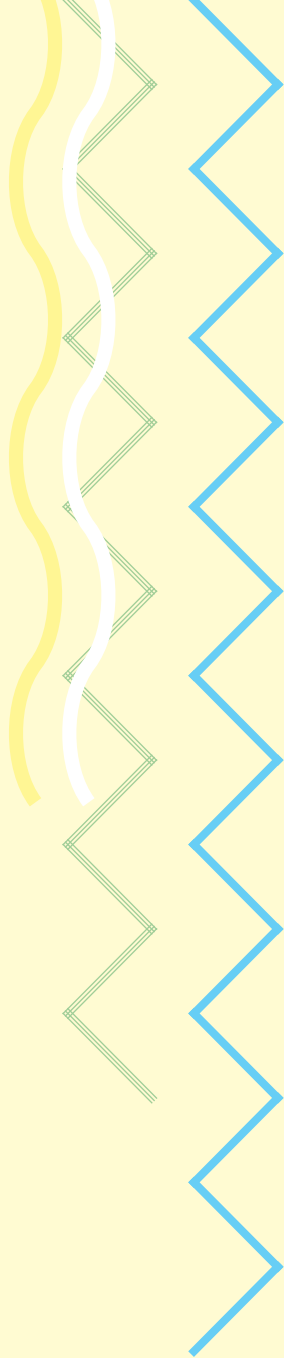
Já havia trabalhado dois anos seguidos com resíduo de caju e havia decidido partir para área de saúde, fazer algo que ajudasse alguém.

Havia dois anos que minha tia falecera por infecção generalizada. Ela fazia hemodiálise e ficava com um cateter constantemente, que poderia ser justamente a fonte de sua infecção. Quando fui desenvolver a garrafa biodegradável, usei um resíduo do processamento da castanha de caju chamado LCC (líquido da castanha de caju). Descobri que esse líquido tinha propriedades antimicrobianas, ou seja, era capaz de inibir o crescimento de microrganismos. Eu já havia conseguido usar o LCC para transformá-lo em plástico para a garrafa. Será que conseguiria, então, usá-lo para produzir um cateter com propriedades antimicrobianas?

Com essa pergunta e muito trabalho ao longo de um ano desenvolvi o projeto do cateter bioativo, demonstrando que ele possuía sim a capacidade de inibir o crescimento de fungos e bactérias e, mais uma vez, participei das feiras de ciências locais, seguidas da estadual, onde ganhei o primeiro lugar geral e a credencial para participar da Febrace.

Tudo parecia muito bem, mas a vida como eu disse, é um mistério, e me deu mais uma surpresa de tirar o chão. Pouco mais de um mês depois da Feira de Ciências do Semiárido, quem teve um infarto e faleceu foi minha mãe.

Capítulo 7  
**Ascensão**



Era meu último ano do ensino médio e a última vez que teria chance de participar da Febrace. E as duas mulheres que eu admirava e que incentivaram tanto, não estavam mais ali comigo. Pelo menos não fisicamente. Foram dois golpes muito duros de aguentar. Dessa vez eu não conseguiria mais continuar, afinal tudo perdeu o sentido.

Para quê fazer projeto, para quê participar da febrace? Como eu me iludi achando que poderia ir a uma feira internacional? Voltaria para a minha casa, dessa vez só, terminaria meus estudos e veria no que daria...

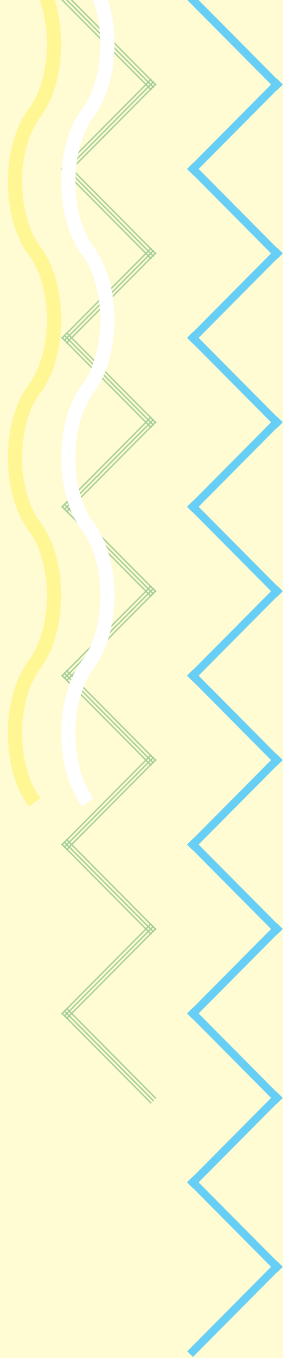
Porém, mesmo com a dor tão grande que sentia, comecei a receber muitas mensagens de diversas pessoas e a perceber o quanto minha história poderia inspirar outros jovens como eu, que também têm suas dificuldades, menores ou maiores, mas que têm que enfrentar para crescer. Percebi, com a ajuda de muitas pessoas, que aquilo era muito especial. E mais uma vez decidi me dedicar para fazer mais e melhor, aprimorar meu projeto, fazer mais análises e o que fosse necessário para ter o melhor projeto possível na Febrace.



No ano seguinte, com o cateter bioativo, ganhamos o 1o lugar em ciências da saúde entre outros prêmios. Naquele ano, a cerimônia se estendeu muito e se não pegássemos logo o ônibus a nossa delegação do RN corria sério risco de perder o voo. Então, o pessoal decidiu ir embora para o aeroporto. Eu e Kiara ficamos. Estávamos muito

ansiosas, tínhamos grandes chances de ganhar uma vaga para a ISEF, não poderia ir embora. Enquanto o pessoal enfrentava o trânsito de São Paulo no ônibus, acompanhando a premiação pela internet, nós ficamos na plateia ansiosíssimas. Nunca foi tão bom ouvir: “de Mossoró-RN, Ekarinny Myrela Brito de Medeiros e Luisa Kiara Dantas...” corremos até o palco, sem acreditar! Havíamos conseguido a tão sonhada vaga na ISEF. Chorei e vibrei demais e sabia que meus colegas vibravam comigo, mesmo a distância e onde quer que minha avó e minha mãe estivessem, aquela vitória foi dedicada a elas!

Capítulo 8  
**Conquista**





Agora era real, eu iria participar da maior feira de ciências do mundo nos Estados Unidos.

Tive pouco tempo para comemorar, logo após a cerimônia já tivemos nossa primeira reunião com a equipe de coordenação da delegação brasileira, com uma lista enorme de tarefas que tínhamos que cumprir. Ah! Sem contar que quase perdemos o avião de volta, corremos para o aeroporto de Uber para conseguir chegar em tempo de encontrar o pessoal.

Chegando em Mossoró, começamos a trabalhar nas dezenas de formulários, relatório, tradução, estudo de inglês, visto e o tempo passou muito rápido até o dia de embarcar para Phoenix, no Estado do Arizona.

Dois dias antes da viagem já estava novamente em São Paulo para um intensivo de preparação com toda a delegação. Apresentávamos e melhorávamos nosso trabalho 24 horas por dia, nesses dias.

Chegando nos Estados Unidos foram mais dois dias de montagem de estande e treino. Finalmente chegou o dia de apresentar meu trabalho 100% em inglês. Claro que tive a ajuda de um tradutor, ele foi fundamental, me ajudou a traduzir as perguntas e minhas respostas aos avaliadores. E o mais importante, apesar de estar nervosa, sabia o quanto tinha me dedicado e que só o fato de estar ali já era meu maior prêmio.

Aproveitei muito cada momento. Era a terceira vez que um projeto de estudantes do Rio Grande do Norte, aliás do interior do Rio Grande do Norte, participava dessa feira de ciências. E foi a primeira vez que uma potiguar subiu ao palco para receber um dos prêmios principais. O biocateter recebeu reconhecimento da sociedade americana de patentes e o quarto lugar geral na categoria de *Translational Medical Science!*

Dever mais que cumprido, havia representado minha escola, meu Estado e meu país. Aquele projeto que começou no quintal da minha casa e foi se desenvolvendo, chegou tão longe!

Muito mais longe do que aquela menininha que gostava de dançar na escola jamais poderia imaginar.



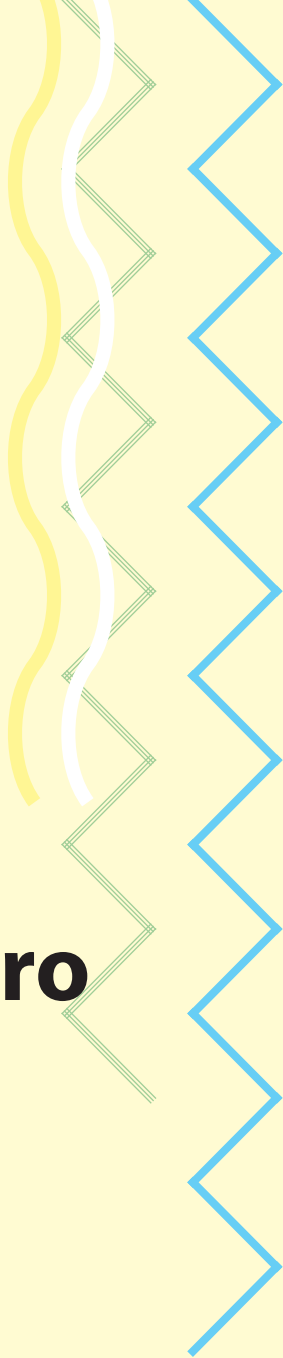
Sou tão grata aos meus professores, meus colegas de escola e de feira e em especial ao Ciência para Todos, por proporcionar essa chance a jovens como eu. Hoje sou aluna universitária e voluntária do programa.

Vi um dia numa rede social que estavam com inscrições abertas para selecionarem participantes para um quadro de um programa de televisão, era um jogo de perguntas e respostas, e o dinheiro arrecadado deveria ser usado para apoiar causas sociais.

Procurei na hora o Prof. Felipe e disse que deveríamos nos inscrever...

Capítulo 9

# Faça pelo Outro



Felipe: Me pergunto quantos jovens como Ekarinny estão por aí nas periferias das grandes cidades, nos interiores mais simples, no sertão do semiárido? Jovens que não sabem quão brilhantes são e que precisam apenas de alguém que acenda suas chamas para que elas cresçam e iluminem o mundo.

Mas ao invés de acendê-las, estamos jogando baldes de água fria, apagando as pequenas chamas e perdendo esses jovens para a depressão, drogas, crime. Ainda bem que temos bravos professores como Kiara e tantos outros que acreditam em seus estudantes e lutam diariamente para manter suas chamas acesas. O que fazemos no Ciência para Todos há dez anos não é nenhum milagre afinal. A bem da verdade, é somente dar ferramentas para os professores ganharem mais uma batalha, dar a chance de acender as chamas que esses jovens nem sabem que têm. Jovens como um Jonas de Umari-zal-RN, que, orientado por seu professor Everton, levou suas ideias a feiras internacionais, apresentou seu trabalho em Londres e hoje, Engenheiro Químico, faz mestrado em Engenharia de Materiais. Ou Francisco José e José Jalissom, que por estudarem na educação de jovens e adultos não tinham muito crédito com os colegas, mas acabaram indo conhecer a Nasa por que a professora acreditou na ideia deles. Ou Bárbara, de Mossoró, uma ambientalista nata, desde cedo preocupada com o meio ambiente e que, com seus blocos de material reciclável foi parar numa assembléia da juventude da ONU, tudo porque o professor Pereira acreditou nela.



Por isso, lá naquele palco, olhei firmemente para Ekarinny, que havia levantado sua cabeça e estava olhando pra mim novamente, e disse:

“Mas ao mesmo tempo eu lembrei que não estamos aqui por Felipe ou por Ekarinny, mas sim pelos jovens do semiárido que podemos mudar a vida e por isso eu rasguei o contrato!”

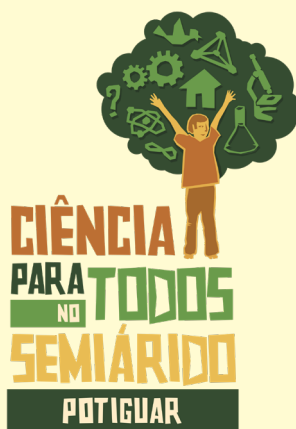
Ao ouvir isso Ekarinny sorriu e brilhou, seu brilho iluminou o palco todo, o chão e a parede ficaram douradas e a plateia começou a aplaudir e gritar. O apresentador falou: - Ekarinny diga pra ele quanto vocês conseguiram. Ekarinny olhou pra tela e disse: - Eu não consigo nem dizer esse valor ai.

Não precisava, eu li. Eram duzentos e setenta e oito mil seiscentos e setenta e sete reais.

Nos abraçamos, choramos, Kiara chegou e nos abraçou. A alegria tomou conta de nós. Havíamos cumprido nossa missão, garantido recurso mais que suficiente para o projeto do cateter e para o fundo de fomento das ideias dos jovens cientistas do Semiárido, e o mais importante de tudo: divulgar a mensagem do Ciência para Todos para todo o país!



Fim



Tendo como pano de fundo a participação de um professor e uma aluna em um jogo televisivo, no qual terão a chance de ganhar recursos para alavancar seus projetos, esta obra mostra como a oportunidade de aprender a fazer ciência desde a educação básica pode impactar positivamente a vida de jovens estudantes.

Essa oportunidade é dada pelo Programa de Extensão “Ciência para Todos no Semiárido Potiguar” há mais de dez anos a jovens do interior do semiárido brasileiro. O Programa, parceria entre Universidade Federal Rural do Semi-Árido, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte e Secretaria de Educação do Estado do Rio Grande do Norte, já formou mais de 2 mil professores e possibilitou que mais de 10 mil estudantes potiguares desenvolvessem trabalhos científicos. Centenas destes estudantes foram reconhecidos em feiras de ciências nacionais e internacionais com projetos desenvolvidos a partir de suas próprias ideias sob orientação de seus professores.

Para mais informações acesse [www.cienciaparatodos.com.br](http://www.cienciaparatodos.com.br)

ISBN: 978-65-00-03921-4

CD



9 786500 039214